

LITERATURA, IDENTIDADE E MEMÓRIA EM *AS AVENTURAS DE NGUNGA*, DE PEPETEla

Rosana Santos da Cunha (Graduanda/UFS)

Jeane de Cássia Nascimento Santos (Doutora/UFS)

RESUMO

Esta comunicação tem por objetivo uma breve reflexão acerca da relação entre identidade e memória na narrativa *As aventuras Ngunga*, de Pepetela. Para o desenvolvimento deste, seguem-se os postulados de alguns autores renomados que enfatizam a temática em suas produções, como: Santilli (1985), Chaves (1999), Pollak (1992), Halbwachs (1990), entre outros. Assim, busca-se vislumbrar a importância da literatura na sociedade africana, em especial no gênero romance, no sentido de revelar os traços ideológicos e culturais que contribuíram para a formação identitária nacional. Neste sentido, a análise do romance *As aventuras de Ngunga*, publicado em 1973, pelo autor africano Pepetela, procura destacar tais influências no contexto literário, observando ainda, de que modo a identidade e a memória são retratadas na obra, bem como sua estreita relação com a sociedade angolana da época.

Palavras- Chaves: Literatura, Identidade, Memória, Literatura africana.

Introdução

Durante séculos o contexto africano foi marcado por longos períodos de guerras e lutas sociais internas e externas. Trata-se de um território vasto, composto por fronteiras extensas, que agrega diferentes povos oriundos e guardiões de valores e costumes distintos, formando assim, um grande mosaico em que traços identificadores desses povos são equiparados, conservados, esquecidos ou confrontados.

É nesse universo dinâmico que surgem, na década de 1930, as primeiras manifestações literárias africanas escritas em língua portuguesa. Essas formas literárias caracterizam-se, como resgate da oralidade que remete a origem dessa sociedade, marcada por valores tradicionais.

A oralidade, na perspectiva africana, é um traço bastante importante, uma vez que se trata de um continente originariamente ágrafo. A introdução da escrita, mediante o

processo de colonização, configurou-se como um ato de silenciamento e ressignificação de concepções, uma vez que se destaca como um movimento agressivo que acarreta a aculturação de povos em favor de uma homogeneidade linguística e cultural, demonstrando assim, controle sobre a sociedade e seus componentes.

O surgimento do romance na África, em especial em Angola, configura-se como uma opção, para que a sociedade representada a partir da produção de alguns escritores possa expressar-se, acerca das insatisfações advindas do modelo colonizador. Desse modo, muitos autores veiculavam mediante a escrita, os infortúnios das intervenções portuguesas, assim como, o ideal de mudanças calcado na ideia de independência política do continente. Neste sentido, observa-se traços que identificam a sociedade, resguardando muitas vezes, em entrelinhas de narrativas, aspectos relacionados a história, identidade e memória que condizem com objetivos comuns de grupos sociais diversos.

Neste viés, este estudo dedica-se a análise da obra “*As aventuras de Ngunga*”, produzido em 1973, pelo escritor africano Pepetela, buscando observar a incidência de valores sociais no gênero romance. Enfatizando ainda, elementos que fazem referência a identidade social, assim como o resgate da memória a partir da literatura africana de língua portuguesa.

Nos tópicos seguintes apresenta-se, um breve referencial teórico acerca da temática destacada, a metodologia utilizada no estudo, a análise do romance e as considerações finais.

Revisão da literatura

A literatura ao longo dos anos obteve ênfase devido à função de perpassar, aos respectivos destinatários, ideologias, sentimentos e conhecimentos sobre diversos povos e sociedades. Mediante composições literárias, escritores buscavam, por entre gerações, representar de maneira ficcional elementos que pudessem coincidir com a realidade ou com conceitos já definidos socialmente.

O ideal literário de veiculação de ideologias sociais pode ser observado em várias culturas e continentes. Assim, destaca-se a importância e influência da literatura no continente africano, especialmente na região angolana, enfatizando a historiografia, memória e identidade social representadas em diversos gêneros literários.

Acerca da literatura angolana, é válido destacar que são manifestações que destacam elementos histórico-sociais de diversos períodos, como por exemplo, o longo processo de luta em favor da independência do país. Santilli (1985), afirma a existência de três tipos de literaturas distintas no continente africano: a tradicional, a colonial e a nacional. Aborda-se que a literatura tradicional tinha como base fundamental a oralidade, ou seja, relatos menos formais como narrativas, provérbios, músicas, etc.

Seguindo as colocações da autora, a literatura colonial apresenta-se vinculada à escrita, (considerando que a colonização portuguesa inseriu paulatinamente a prática da escrita entre os povos angolanos). E por fim, a literatura caracterizada como nacional, que apresentava uma melhor organização entre os escritores da época, sendo caracterizada ainda, pela abordagem de temas relacionados a realidades socioculturais cotidianas.

Neste sentido, vale considerar ainda, que o continente africano, antes da inserção da escrita, conservou durante séculos a modalidade oral como forma simbólica para repasse de conhecimentos e tradições sociais. De acordo com os postulados de Nascimento e Ramos (2011):

[...] “os mitos, as crenças, matizados por acervo religioso, histórico e, muita vez, imaginário, eram transmitidos via oralidade, ratificando, desta feita, o estabelecimento de uma tradição. A perpetuação desta, sua presentificação e/ou cristalização no imaginário coletivo, divulgada através da oralidade, encontrará, pois, veículo poderoso nos textos literários, asseverando a estreita relação entre história e literatura”. (NASCIMENTO e RAMOS, 2011, p.454).

As autoras apontam também a importância e respeito aos anciões na cultura oral africana. Ressaltando que a transmissão de conhecimentos a partir dos mais velhos é importante para a manutenção de tradições em sociedades, uma vez que os anciões são responsáveis por aproximar consideravelmente o passado, presente e futuro. Assim, “a valorização da tradição oral na África, longe de significar apenas um meio de comunicação, reluz uma maneira de preservar a sabedoria da ancestralidade”. (NASCIMENTO e RAMOS, 2011, P.457).

No entanto, se por um lado, no decorrer da colonização portuguesa, a introdução da escrita em terras angolanas representa o silenciamento e a imposição cultural, por outro,

verifica-se a introdução de um novo tipo de registro de tradições culturais e perspectivas futuras. Neste viés, muitos escritores africanos, aderiram à produção literária de romances, poemas e contos, sendo uma maneira de representar, por meio da escrita, valores tradicionais e posicionamentos acerca de situações vivenciais. Nas palavras de Chaves (1999):

[...] “a força da palavra atua enquanto compreensão das insolúveis carências com que se debate o homem. Em relação ao universo cultural de Angola, a situação não difere. [...] as “estórias” contadas pelos mais velhos [...] cumpriam o papel de transmitir a sabedoria e humanizar o reino da relações que os outros elementos completavam. [...] a escrita corresponde a uma espécie de ruptura que será convertida em nova forma de sentir e dizer. [...] caberia à literatura ali produzida a tarefa de rejunter pedaços para a composição de uma outra ordem.” (CHAVES, 1999, p. 20).

A autora observa ainda, que o romance de caráter angolano possui grande importância, no sentido de possibilitar conhecimentos relacionados à sociedade da época, permitindo entender movimentos históricos e culturais. Neste sentido, é válido apontar também que a literatura conserva concepções relacionadas à memória e identidade social, uma vez que são enfatizados nas obras, elementos que edificam a construção identitária da nação.

Acerca da importância do registro histórico escrito na literatura, Seligmann (2003) observa que a história, muitas vezes não representa fielmente o passado. Destaca ainda, que durante séculos a história representou o ponto mais preciso em produções escritas, no entanto, assim como a memória, a história é seletiva, conservando apenas pontos mais significativos.

A memória em romances angolanos pode ser caracterizada pelo resgate de valores, tradições e acontecimentos de grande importância social. De acordo com Halbwachs (1990), a memória pode ser entendida como uma representação do coletivo, pois as lembranças, mesmo que pareçam individuais, apresentam influências (coletivas) anteriores. Desse modo, entende-se que as questões relacionadas à memória seja algo coletivo, admitindo-se assim, o resgate de traços e influências que identificam sujeitos com determinados grupos sociais.

Paralelamente à definição de memória, enquadra-se ainda a ideia de identidade social. Segundo postulados de Michael Pollak:

“A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de

uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (POLLAK, 1992, p. 204).

O autor ressalta ainda, que a memória é seletiva, portanto, armazena apenas acontecimentos que possuem maior significação para o sujeito. Assim, geralmente os fatos não são narrados como realmente ocorreram.

Referente a obras literárias de origem angolana, torna-se viável enfatizar a veiculação de temáticas comuns, como: o processo de guerra, as oposições ao sistema de colonização e o ideal de liberdade política da nação. Desse modo, o texto literário surge como estratégia para afirmação cultural e posicionamentos ideológicos sociais. Segundo postulados de Bakhtin (*apud* Carvalho 1998, p. 48) afirma: “*O texto escuta as vozes da história e não mais as re-presenta como uma unidade, mas como jogo de confrontações*”. Neste sentido, torna-se pertinente apontar que no romance angolano é possível observar um fluxo de realidades e opiniões expressas, que de certo modo, delineiam a história real de um povo, envolvido em um mesmo ideal, ou seja, a liberdade e o reconhecimento identitário.

Sob essa perspectiva, é válido destacar semelhanças entre produções literárias angolanas e brasileiras. Nota-se que ambas as nações fizeram parte do processo colonialista lusitano, e, tinham como ideal comum, a formação e reconhecimento identitário nacional. No entanto, quando se analisa o processo de independência das ex-colônias, verifica-se que o Brasil se tornou independente por meio de acordos e tratados; já Angola, por sua vez, enfrentou, por sua liberdade, uma longa e violenta guerra.

Neste viés, o desenvolvimento de estudos literários comparados, em obras de mesma origem ou de origem diferente, permite entender alguns fatores importantes da estruturação social. De acordo com postulados de Carvalho (1998), os estudos comparados passaram por muitas evoluções desde seu surgimento no séc. XIX até os dias atuais. Segundo a autora, as análises comparativas ultrapassaram investigações mais superficiais acerca dos textos, direcionando-se para a observação de aspectos mais expressivos, como por exemplo, a presença de intertextualidades, influências de obras semelhantes anteriores, aspectos sociopolíticos ou tradicionais que caracterizam as sociedades evidenciadas, etc. Desse modo, o estudo de obras angolanas, produzidas em épocas distintas, contribui para que aspectos relacionados à estrutura social e tradicional sejam observados e entendidos em um contexto mais geral.

Metodologia

A elaboração do presente estudo ocorreu a partir da leitura de alguns textos teóricos de autores que se dedicam a concepções relacionadas à memória, identidade e história em obras literárias de origem africana. Além disso, analisamos o romance “*As aventuras de Ngunga*”, de Pepetela, com o intuito de identificar aspectos relacionados à instauração e veiculação de ideologias, destacando o ideal de liberdade política do país e as oposições ao processo de colonização vigente na sociedade da época.

Análise dos dados

Pepetela, pseudônimo de Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, nasceu em Benguela (Angola) em 1941. Teve uma vida permeada de produções e participou do MPLA (Movimento pela Libertação de Angola), como militante em 1963. A obra, “*As aventuras de Ngunga*”, sua primeira publicação, datada em 1973, aborda paralelos e questionamentos acerca da história, cultura e construção de identidade na sociedade angolana, especialmente no período de guerra pela libertação política do país.

A narrativa é constituída por uma linguagem simples, no entanto, rica em detalhes e, apresenta como personagem principal um garoto de treze anos chamado Ngunga. Este perde seus pais muito cedo, aos nove anos de idade, em um confronto com os colonialistas, passando desse modo, a vagar por entre os Kimbos (denominação dos povoados locais de Angola), em busca de abrigo e alimento. Destaca-se que o cenário principal dessa produção enfoca a região interiorana de Angola, desprovida de incentivos políticos ou tecnológicos, entrecortada pelos combates constantes provenientes da luta armada.

A trajetória do menino Ngunga é marcada por muitos desafios na luta pela sobrevivência, enfatizando ainda, a abordagem de muitos aspectos acerca da ordem social vigente nas comunidades, inclusive os valores tradicionais conservados. Destaca-se o respeito de Ngunga em relação aos militantes (grupo que participava ativamente da guerrilha), o desejo de tornar-se um dos componentes do grupo na luta pela causa da nação angolana e a oposição em relação a pessoas que agiam de modo desleal para com os demais. Além disso, o

papel da escola é exaltado no romance, como um ambiente de aprendizado, compartilhamento de valores e foco em objetivos futuros.

Os capítulos que finalizam a obra perpassam ao leitor concepções de dúvida e mistério, uma vez que costumes tradicionais são questionados/confrontados e o personagem principal toma decisões radicais. Observa-se que o personagem Ngunga em discórdia com a realidade social da comunidade em que está inserido, resolve mudar seu nome e, conseqüentemente sua identidade, optando por seguir sozinho em busca de um ambiente escolar, onde seria possível adquirir conhecimentos e capacidade argumentativa, para tentar mudar alguns valores tradicionais da sociedade. Neste sentido, os feitos e glórias de Ngunga são evidenciados, mas sua trajetória futura torna-se misteriosa ao público leitor, uma vez que se desconhecem os rumos traçados após essa decisão.

Observação de traços expressivos na análise

A partir análise da narrativa de Pepetela, pode-se observar a relevância de aspectos que se relacionam à literatura, história, memória e concepções de identidade. Observa-se que a literatura, assim como expõe Chaves (1999), é uma fonte expressiva para análise de aspectos relacionados à organização e composição de uma sociedade. Em, “*As aventuras de Ngunga*”, percebe-se a abordagem de muitos traços que delineiam as condições de vida das pessoas inseridas no período evidenciado. Esses pontos podem ser percebidos, especialmente no que se trata da organização das famílias, na denúncia ao sistema colonial lusitano, na distribuição dos guerrilheiros, no sistema de guerra (interior-capital), nas precárias condições de vida das pessoas que participavam ativamente da guerra, etc.

Além disso, observa-se também, a partir dos postulados de Santilli (1985), que a insatisfação em relação ao sistema colonial português é destacada na produção analisada, pois, luta-se incessantemente em favor da liberdade do país, apesar de todas as dificuldades. A citação seguinte delineia um breve fragmento da consequência do colonialismo em relação ao estabelecimento da educação para os angolanos:

[...] “No tempo do colonialismo, ali nunca tinha havido escola, raros eram os homens que sabiam ler e escrever. Mas agora o povo começava a ser livre. O movimento, que era de todos, criava a liberdade com as armas. A

escola era uma grande vitória sobre o colonialismo” [...] (PEPETELA, 1980, p.24)

O trecho acima demonstra a escassez de educação em Angola, em virtude do movimento colonialista. Destacando ainda, que poucas pessoas da sociedade poderiam ter acesso à escola, subentendendo-se ser um ambiente destinado apenas aos portugueses em território africano. Torna-se pertinente ressaltar ainda, que de acordo com o romance, as primeiras escolas fundadas na região interiorana de Angola, entrecortada pela guerra, eram construídas de modo precário e situadas em locais de difícil acesso, próximas a pequenos povoados, sendo ainda, constantes alvos de ataques colonialistas. Além disso, professores e alunos eram instruídos a utilizar armas de fogo, sendo uma maneira de defender-se em caso de ataques de grupos opositores.

No que diz respeito à exaltação da história no romance, torna-se pertinente enfatizar, uma mescla entre ficção e realidade permitindo a verossimilhança da obra literária. Observa-se ainda, que paralelamente a história, percebe-se aspectos que remetem a tradição popular, memória social e identidade, como por exemplo, a luta armada na região angolana e os movimentos criados em busca de melhor organização nos combates.

Destaca-se a inserção de elementos que condizem com a realidade apresentada, como por exemplo: a guerra, a seleção de combatentes e indivíduos responsáveis pela produção de alimentos, o respeito à oralidade, em especial no que concerne aos anciões das comunidades. Na seguinte citação é possível observar o modo como as pessoas das comunidades se organizavam em função de manter os combatentes na luta pela independência do país:

[...] “Não sabes que nosso país está em guerra? Para nos libertarmos, temos de trabalhar muito. É preciso produzir muito para os guerrilheiros. Não me ouve quando falo ao povo? É o povo que deve dar comida aos guerrilheiros. E quem é o povo? És tu, sou eu, a Imba, as mulheres. Os guerrilheiros defendem-nos e nós alimentamo-los. Os meus filhos são combatentes, estão longe. Mas para mim, todos os guerrilheiros são meus filhos. (PEPETELA, 1980, p. 12).

De acordo com a descrição acima, as pessoas mais hábeis e jovens eram direcionadas aos combates. Cabendo, portanto, às mulheres, crianças e anciões a função de produzir e distribuir alimentos aos guerrilheiros. Observa-se ainda, a exaltação da oralidade,

especialmente no que diz respeito a anciões, destaca-se que rodas de comunicação eram frequentes nos povoados, permitindo assim a veiculação de notícias diversas.

No que se concerne à memória, em “*As aventuras de Ngunga*” é válido observar, que se representa a partir do fluxo de ensinamentos que fazem parte do acervo cultural e tradicional que circunda a obra e seus respectivos personagens. No romance, destaca-se a predominância de traços que permitem que o personagem Ngunga (assim como outros) se identifique com seu grupo (os combatentes), e conseqüentemente se sinta participante de uma luta que não é apenas sua ou de sua comunidade, mas sim em favor de um objetivo que identifica uma nação.

Neste sentido, o personagem Ngunga, apesar de ser apenas um garoto, a partir de todos os ensinamentos vivenciais recebidos, passa a identificar-se como membro do MPLA, portanto, guerrilheiro. Assim como se observa nos postulados de Halbwachs (1990) e Pollak (1992), a memória permite a identificação e caracterização de um sujeito em relação ao grupo em que pertence. O resgate de traços e influências contribui para a estruturação identitária do sujeito, uma vez que, concepções relacionadas a pertencimento social são destacadas. Neste viés, na obra de Pepetela, a trajetória do personagem Ngunga, torna-se verossímil a partir do momento em que ele sente-se componente do grupo militante, tendo como finalidade comum a oposição ao modelo colonialista e o resgate da liberdade política de seu país.

Considerações finais

De acordo com a análise da obra “*As aventuras de Ngunga*”, observa-se que, assim como afirmam as autoras, Santilli (1985) e Chaves (1999), a literatura de origem africana tornou-se ao longo dos anos um instrumento eficiente no que concerne à conservação de valores tradicionais e veiculação de ideologias nacionalistas. Aspectos que se referem à organização social, costumes tradicionais e realidades vivenciais de guerra são enaltecidos na obra analisada, assim como, simbologias e crenças populares. Além disso, a memória social africana é conservada a partir da escrita das obras literárias, uma vez que existe a presença marcante da oralidade, sendo uma maneira de reatar passado, presente e futuro em uma mesma linha ideológica social.

A partir da observação dos aspectos mais expressivos do romance “*As aventuras de Ngunga*”, do autor africano Pepetela, constatou-se a presença de elementos importantes, no que concerne à literatura, história, memória e identidade social. Destaca-se que a obra ficcional, protagonizada sob a ótica de uma criança, possibilita ao leitor a identificação de aspectos que se referem aos elementos destacados, sendo ainda, uma maneira de mascarar a violência dizimadora proveniente da luta armada na região angolana.

Neste viés, torna-se pertinente ressaltar ainda, que a evolução individual de Ngunga, evidenciada na narrativa, se assemelha ao amadurecimento coletivo da sociedade de Angola, envolvida no conflito em favor da independência política. Dessa maneira, o personagem Ngunga, se caracterizaria como uma espécie de personagem coletivo, que simboliza o ideal de liberdade do país.

REFERÊNCIAS

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura Comparada**, 3º edição: Ática, 1998.

CHAVES, Rita. **A formação do romance angolano: Entre intenções e gestos**. São Paulo: Ed.FFLCH/CEP, 1999, Col. Via Atlântica.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da Literatura Infanto-Juvenil**. São Paulo, ed. Quíron, 1985.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

NASCIMENTO, Lidiane Alves do. RAMOS, Marilúcia Mendes. A memória de velhos e a valorização da tradição na literatura africana: algumas leituras. In: **Crítica Cultural (Critic)**, Palhoça, SC, V. 6, n 21, p.453-467, jul/dez. 2011.

PEPETELA. **As aventuras de Ngunga**. São Paulo: Ática, 1980.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, p. 200-212.

SANTILLI, Maria Aparecida. **Estórias africanas: historia e antologia**. São Paulo: Ática, 1985.

SELIGMANN –Silva, Márcio (org). In. **História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas: Unicamp, 2003.